

Processos emancipatórios das mulheres e o ruir dos pilares civilizacionais (I)

«E o tempo ainda lhes sobra para cuidar dos filhos e para trazer a casa limpa e esteirada.»
(Raul Brandão, *Os Pescadores*, 1923)

No balanço do século XX, historiadores, cientistas sociais, jornalistas e *opinion-makers*, dependendo da perspectiva em que se situavam, foram-nos propondo várias sínteses para o dito: século do Povo, da Democracia, dos Totalitarismos, das Guerras, das Mulheres. Inclino-me para esta última (mesmo não integrando essa importante corrente académica, anglo-saxónica, dos *women studies*), e só não a adopto, em definitivo, porque corro o risco de repetição neste em que agora nos encontramos, quando já alguém publicitou a ideia que «o terceiro milénio seria feminino, ou não seria nada».

O caso português, neste particular, merece estudo cuidado pelas profundas mudanças operadas, num tão curto período de tempo; nos últimos trinta e cinco anos, o nosso viver quotidiano tem sofrido abalos de tal ordem que atingiram de morte os alicerces em que assentou, durante séculos, a nossa civilização: a gastronomia e a educação. A causa (e estamos conscientes de como é arriscado usar o singular em paradigmas de complexidade) está na alteração do papel da mulher na estrutura funcional da nossa sociedade.

Alimentação e educação são dois inquestionáveis pilares sociais que permitem a reprodução continuada de um agregado humano. Ambas tiveram na mulher o seu sustentáculo. Mães e esposas eram uma autoridade, indiscutível, nestes domínios. Estar em casa, a tempo inteiro, possibilitava-lhes assegurar, com enorme saber e eficácia, essas duas funções essenciais: educar os filhos e confeccionar as refeições para a família.

Pobres mas bem comidos

Parece ser esta a conclusão para que aponta o movimento *slow food* quando pugna pela retoma de ancestrais dispositivos de uma cultura que, mesmo com escassos recursos, conseguia atingir níveis de qualidade alimentar que hoje invejamos e que, os mais nostálgicos, cultivam, quanto muito, aos fins-de-semana ou em festivais gastronómicos. Alfredo Margarido, num vetusto, mas nem por isso menos actual, artigo «A comida é mais importante do que a política!», relembra-nos: «a nossa cozinha tradicional organizou-se para reforçar a dominação da mulher pelo homem; quem senão as mulheres, passou uma parte da sua existência diante do fogareiro, da lareira, do fogão, para multiplicar os petiscos que servem de suporte à consciência nacional.» Em famílias alargadas, onde co-habitavam três gerações: avó, filha e neta, estes conhecimentos e técnicas, testados e apurados ao longo dos tempos, eram transmitidos em processos informais de ensino individualizado, através de tutorias inter-geracionais *on time*, de *feedback* constante, num laboratório interdito aos homens. «O que se verifica é que hoje as mulheres rejeitam essa dominação [e essa aprendizagem, digo eu], em proveito da sua liberdade? com a qual não podemos deixar de estar de acordo? mas em desproveito da nossa própria substância cultural».

Quando Xavier Bonal (in *Configurações*, 2006) pergunta, com preocupação, «Que mais vamos pedir à escola?», parece, nesta matéria, estarmos a salvo de uma eventual demanda política, o que é curioso, pois ao contrário do que vimos nos EUA, na disciplina de *HomeEconomics* (uma versão tecno-andrógena dos nossos velhos *Lavores Femininos?*), em Portugal (ainda) não se reconfigurou o currículo do ensino básico com a aquisição de competências da arte do *bem comer?* (acolhemos, no entanto, a alta *performance* culinária nas Escolas de Hotelaria e Turismo, com direito a grau e tudo).

Só que os grandes conflitos bélicos do século passado empurraram as mulheres para a vida activa, fora de casa, num trabalho, agora, reconhecido porque socialmente visível. Os portugueses não participaram na Segunda Guerra Mundial mas tiveram a Guerra Colonial. Os efeitos foram semelhantes aos do mundo Ocidental dito desenvolvido: hoje comemos mal, ainda que muito. Por isso, a obesidade entrou na agenda das nossas preocupações. Mas o problema não se resolve com o *retorno ao lar?*. Esse abandono marcou, em definitivo, «o fim da velha sociedade patriarcal e masculina, de tradição mediterrânica, católica e latina» (António Barreto *Portugal entre dois séculos?*). A emancipação é irreversível. Resta-nos saber edificar, em novos moldes, uma nova sociedade.

Continua (em Outubro): *Analfabetos mas bem educados?*.